

ISSN 0872-5675

România

N.º 25
2023

ROMÂNICA

REVISTA DE LITERATURA

ROMÂNICA

REVISTA DE LITERATURA

*Departamento de Literaturas Românicas
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*

N.º 25

Redacção: Ângela Correia, Cristina Sobral,
Isabel Almeida, João R. Figueiredo



LETRAS
LISBOA

Consultores:

Hélio J. S. Alves (U. Lisboa), Abel Barros Baptista (U. Nova de Lisboa),
José Augusto Cardoso Bernardes (U. Coimbra), Josiah Blackmore (U. Harvard),
T. F. Earle (U. Oxford), Ettore Finazzi-Agrò (U. Roma – La Sapienza),
Paulo Franchetti (UNICAMP), K. David Jackson (U. Yale),
Silvina Rodrigues Lopes (U. Nova de Lisboa), Rosa Maria Martelo (U. Porto),
Anne-Marie Quint (U. Paris, Sorbonne Nouvelle),
Gustavo Rubim (U. Nova de Lisboa), Gilda Santos (UFRJ),
Osvaldo Manuel Silvestre (U. Coimbra), Elena Losada Soler (U. Barcelona),
Roberto Vecchi (U. Bolonha), Ivo Castro (U. Lisboa), João Dionísio (U. Lisboa),
Serafina Martins (U. Lisboa), José Cândido Martins (UCP, Braga),
Luís Sá Fardilha (U. Porto), Alva Teixeira (U. Lisboa), Zulmira C. Santos (U. Porto),
Pedro Sepúlveda (U. Nova de Lisboa), Hélio de Seixas Guimarães (USP),
Simão Valente (U. Porto).

Publicação Anual

© 2023 Departamento de Literaturas Românicas
da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
www.lettras.ulisboa.pt

Paginação, impressão e acabamento:
Papelmunde
Tiragem: 200 exemplares

ISSN: 0872-5675
Depósito legal: 282739/08

In memoriam

- 9 Maria Lucília Gonçalves Pires
- 13 Vítor Manuel de Aguiar e Silva

Dante

- 17 *Esperança Cardeira*, Dante Alighieri e Fernão de Oliveira: amigos (im)prováveis?
- 31 *Isabel Almeida*, Dante no século de Camões
- 55 *Ernesto Rodrigues*, Dante na imprensa periódica portuguesa oitocentista
- 69 *Rita Patrício*, «A alma é literatura»: Dante em Pascoaes e Pessoa
- 91 *Gianluca Miraglia*, Fernando Pessoa e Dante Alighieri: apontamentos para um verbete
- 107 *Ana Beatriz Andrade*, Ulisses como um signo: os ecos do Ulisses dantesco em poemas de Nuno Júdice e José Tolentino Mendonça
- 117 *Maria João Almeida*, Dante no livro português
- 129 *Manuel Simões*, A recepção literária de Dante Alighieri em Portugal
- 139 *Sebastiana Fadda*, Alguma *Commedia* – decerto *Divina* – nos palcos portugueses

Varia

- 155 *Rita Marnoto*, Onde está o exemplar de *Os Lusíadas* de 1572 com oitavas transpostas?
- 185 *Barbara Spaggiari*, Camões e o Ps. 136 *Super flumina Babylonis*
- 195 *Aude Plagnard*, «Siendo esta ya la quinta copia»: a história manuscrita das *Lusíadas comentadas* de Manuel de Faria e Sousa (1614-164?)
- 233 *Maria do Céu Fraga & Aude Plagnard*, Duas peças do mesmo *puzzle*: o «segundo borrador» de Faria e Sousa e as redondilhas camonianas
- 167 *José Adriano de Freitas Carvalho*, Silva melodina. «Presos»... «Perseguidos»... «Aventureiros»... Dos livros da livraria de D. Francisco Manuel de Melo

- 313 *Yun Liu*, O humanismo e o discurso de consolação do P.^e António Vieira em defesa dos escravos negros
- 337 *João Almeida Flor*, Francisco Luís Ameno e a versão manuscrita de *Ambleto*
- 359 *Nuno Amado*, Ricardo Reis e o ideal estético em Portugal
- 389 *Alexandre Sartório*, A ‘mística poética’ em *Serra-Mãe*, de Sebastião da Gama
- 407 *Patrícia Soares Martins*, «Isto não é um conto»: Manoel de Oliveira entre António Patrício, Agustina Bessa-Luís e Prista Monteiro
- 417 *Ariadne Nunes*, Assinaturas ficcionais em Machado de Assis: o caso do Conselheiro Aires

Recensões

- 443 *Francisco de Sá de Miranda*, *Poesia*, 2021 (Luís Sá Fardilha)
- 451 *Caetano José da Silva Souto-Maior*, *La Martinhada*, poema épico, 2021 (José Miguel Martínez Torrejón)
- 453 *Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, *La saudade portoghese*, 2020 (Carlo Pulsoni)
- 455 *Carolina Michaëlis de Vasconcelos & Ricardo Jorge*, *Correspondência*, 2021 (Rita Marnoto)
- 459 *AAVV.*, *Sena & Sophia: Centenários*, 2020 (Márcia Manir Miguel Feitosa)

Carolina Michaëlis de Vasconcelos & Ricardo Jorge, *Correspondência*. Ed. anotada por Maria Manuela Gouveia Delille & Isabel João Ramires. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, pp. 406

Neste volume é editada e estudada a correspondência estabelecida entre Carolina Michaëlis de Vasconcelos e Ricardo Jorge ao longo de um período que vai de 1909 a 1925. Abrange 132 itens, entre cartas, bilhetes-postais, etc., cujos originais pertencem aos acervos da Biblioteca Nacional de Portugal e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, bem como à coleção do bisneto de D. Carolina. O livro abre com um estudo introdutório e é acompanhado por um riquíssimo aparato de notas e comentários, incluindo também ilustrações que reproduzem alguns itens dessa correspondência ou publicações nela referidas, bem como fotografias e outros materiais de época.

As suas páginas encerram, pois, um retrato extremamente agudo de dois vultos primordiais da cultura portuguesa, na passagem do século XIX para o século XX. Nesse sentido, a *Correspondência* entre Carolina Michaëlis e Ricardo Jorge desvenda o laboratório crítico no qual germinaram trabalhos que fizeram história, dedicados a grandes escritores da literatura portuguesa quer pela filó-

loga (Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, etc.), quer pelo médico (Amato Lusitano, Francisco Rodrigues Lobo, etc.). Contudo, o lastro desse diálogo vai bem mais longe, na medida em que nele se espelha um intercâmbio crítico-literário que caracteriza facetas extremamente significativas do Portugal de início de século. Abrange incentivos à construção do saber, formação de redes de sociabilidade que integravam outros intelectuais (com informação privilegiada sobre Teófilo Braga) ou sedimentação gradual de relações não só de erudição, mas também de amizade pessoal.

A troca de cartas teve por fulcro o envio a Carolina Michaëlis, por Ricardo Jorge, de uma separata do seu artigo «La Celestina en Amato Lusitano». De um lado da fronteira, a literatura e Fernando de Rojas. Do outro lado, um famosíssimo médico português de cultura hebraica, Amato Lusitano. A simbiose disciplinar envolvia, *ab initio*, matéria de eleição para um diálogo entre a filóloga e o médico. Para Ricardo Jorge, o aprofundamento da intersecção entre medicina e literatura foi uma verdadeira causa, ao longo de todo

o seu percurso intelectual. Bastará recordar o seu ensaio sobre Francisco Rodrigues Lobo, cujas provas foram revistas por Carolina Michaëlis (esmerilhadas, como escreve Ricardo Jorge, p. 45), e a remissão, logo no seu início, para uma série de grandes obras que promoveram o que hoje se diria uma terceira cultura, como os sonetos de Lope de Vega a Henrique Jorge Henriques e a Francisco Diaz ou a ode de Camões «Aquele único exemplo», que acompanha os *Colóquios dos simples e drogas*, de Garcia de Orta.

Ricardo Jorge foi protagonista de uma acção pioneira no âmbito da investigação médica e da promoção da saúde pública, mantendo relações de colaboração com destacadas instituições internacionais. Esse internacionalismo e essa visão racionalista própria das teorias do higienismo foram dois elementos essenciais daquela plataforma que de imediato propulsionou a sintonia entre o médico-filólogo e a filóloga-cientista. Ambos comungavam da mesma confiança num racionalismo de matriz positivista, que nutria as suas raízes nas ciências naturais, para depois se estender à filologia, aos estudos histórico-literários e assim por diante. Poucos intelectuais do Portugal desse tempo teriam em comum os horizontes internacionais, a metodologia apurada e a bagagem cultural que proporcionou o intercâmbio

de ideias entre Carolina Michaëlis e Ricardo Jorge.

Do diálogo travado, não há dúvida que Ricardo Jorge é quem mais enriquece o seu alfobre. Mas também a esse propósito a sintonia é perfeita. Por um lado, Ricardo Jorge, reconhecendo em absoluto a sumidade de Carolina Michaëlis, sabe acolher as suas sugestões com a modéstia e a elegância que são seu timbre, embora por vezes também contraponha argumentos. São deveras curiosas as lições de botânica que a filóloga vai dando ao cientista a propósito da etimologia de certas espécies. Por outro lado, as dúvidas e as perguntas colocadas por Ricardo Jorge são para Carolina Michaëlis tão oportunas que nunca a mestra se furta a responder-lhes, fazendo-o até com um certo gosto. Dele recebe não só o incentivo a levar por diante vários trabalhos, como os que dedicou ao médico Uriel da Costa, mas também, apesar de tudo, uma pequena lição de métrica, quando Ricardo Jorge lhe explica que nos esquemas rimáticos os versos longos se grafam com maiúsculas e os versos curtos se grafam com minúsculas.

A franca convivialidade que assim se gera chega a um ponto tal, que acaba por convergir em efusões irónicas, tão sagazes como inteligentes. Ricardo Jorge, nos seus agradecimentos a Carolina Michaëlis, ousa declinar a fórmula de louvor

consagrada, *Laus Deo*, no feminino: *Laus Dea* (p. 303), num arroubo neo-latino. D. Carolina, por sua vez, entra no jogo e escreve, também ela: «Chamo feliz ao Lobo [Rodrigues Lobo] que tal biógrafo teve» (p. 306).

Facto é que o interesse e o gosto com que este volume de *Correspondência* se lê procedem da clareza expositiva e do rigor metodológico que presidiram à sua organização. Ao tratamento de textos que abordam matérias tão diversificadas, plasmados por tons e estilos tão variegados, subjazem uma selecção e uma calibragem da informação apresentada extremamente apuradas. O estabelecimento do texto, a cargo de Isabel João Ramirez, respeita a autenticidade dos originais, deixando-os respirar com o seu tempo. As notas que acompanham todo o volume, organizadas por Maria Manuela Delille, contextualizam os vários assuntos

em causa, explicitando-os através de remissões para fontes directas e indirectas, todas elas extraordinariamente esclarecedoras e sempre certas. Nesse aspecto, a *Correspondência* é uma obra exemplar, pela fluidez com que assuntos de ordem tão diversificada, que vão da crítica literária à filologia ou à história da medicina, se entrelaçam num discurso de leitura alicianante.

Finalmente, recorde-se que este livro remonta ao gesto fundador de Maria Manuela Delille, que com Isabel João Ramires e outros/as colaboradores/as tem vindo a levar por diante o tratamento e o estudo do espólio de Carolina Michaëlis de Vasconcelos conservado na Universidade de Coimbra. O projecto remonta a 2009, e a publicação desta *Correspondência* só aviva a expectativa relativamente aos seus próximos desenvolvimentos.

